

A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS CURRICULARES E DA INSERÇÃO DO SUJEITO IDOSO NO ENSINO DE CARTOGRAFIA

Gisa Fernanda Siega Rocha

gisafernanda@yahoo.com.br¹

Sílvia Elena Ventrini

sventorini@ufsj.edu.br²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar as experiências pedagógicas praticadas com os alunos do 6º ano de uma escola estadual localizada em São João del-Rei (MG). O fio condutor da discussão é a pesquisa de mestrado intitulada: O Ensino-aprendizagem de conceitos cartográficos a partir do tema do envelhecimento da população brasileira no espaço urbano. A fundamentação teórico-metodológica tem como base a pesquisa qualitativa e a pesquisa ação. Os procedimentos desenvolvidos foram: representações dos alunos e dos idosos por meio de desenhos e croquis; entrevista aos idosos; diálogos dirigidos; atividades com imagem de satélite e espacialização dos desenhos em mapas. Para isso citaremos inicialmente as teorias curriculares que subsidiam e influenciam o ensino por meio das ideologias presente por trás de cada matriz curricular e a importância dos currículos praticados. Os resultados apontam que as crianças interagem mais com uma atividade lúdica do que apenas com aulas expositivas e criam seu próprio sistema de representação quando desenham, auxiliando no desenvolvimento do raciocínio e da alfabetização cartográfica.

Palavras-chave: Ensino, Currículo, Práticas Pedagógica.

Introdução

As correntes do pensamento curricular de acordo com Silva (2003) dividem-se em três: Teorias Tradicionais, Teorias Críticas e Teorias Pós-Críticas.

Na Teoria Tradicional de currículo, o sistema educacional instaura objetivos a serem cumpridos pelos educandos, por meio de estratégia e eficiência. Nesse modelo, o professor é o detentor do conhecimento e o mesmo tem por objetivo formar o indivíduo para a eficiência no

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEOG) da Universidade Federal de São João del-Rei.

² Profª Dra do Departamento de Geografia (DEGEO) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEOG) da Universidade Federal de São João del-Rei.



trabalho. É praticado nessa teoria, predominantemente a forma tecnicista de aprendizagem, pautada no estático, objetivo e acrítico (DONATO, 2015; ALMEIDA, VIEIRA, 2018).

A partir da década de 1960, questionamentos acerca das concepções tradicionais de currículo são discutidos em diversos países. São as chamadas Teorias Críticas, que acusam o currículo tradicional de reprodutivista e alienante (ALMEIDA, VIEIRA, 2018). Essa corrente embasa-se principalmente no pensamento marxista e é marcada por elementos de resistência. Nessa teoria, o currículo é construído na diversidade dos contextos, finalidades e sujeitos diferenciados, abarca relações de poder, portanto não pode ser considerado algo neutro (FREIRE, et al, 2013; PACHECO, 2013).

As Teorias Pós-Críticas de currículo tratam-se de concepções pós-estruturais, pós-coloniais, pós-modernas, pós-fundacionais e pós-marxistas, ou seja, abrangem diferentes concepções, tendo por denominador comum a valorização da subjetividade e a preocupação com a linguagem (LOPES, 2013; PACHECO, 2013). Os teóricos pós-críticos preocupam-se para além das desigualdades econômicas, mas também com as desigualdade de gênero e raça (ALMEIDA, VIEIRA, 2018).

Muito pautada na perspectiva tradicional de currículo, estes se transformam numa questão de organização, de desenvolvimento, de técnica (SILVA, 2003). Mesmo após a renovação nas discussões teóricas e a inserção da subjetividade no currículo, conforme ocorreu com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na década de 1990, muito ainda se tem pautado na perspectiva tradicional e o aluno em diversas situações encontra-se como ser passivo e receptor de informações.

Concordamos que para uma educação significativa deve haver o interstício das três teorias. Partir do cotidiano e da subjetividade do aluno, questionar a realidade e o status quo e ainda compreender a parte técnica e as especificidades de cada ciência.

Na Ciência Geografia as discussões e reformulações também ocorreram paralelamente as mudanças no paradigmas curriculares. Até meados da década de 1930, inexistia a abordagem de conteúdos da realidade brasileira, prevalecendo uma Geografia descritiva. Na década de 1960 surge à chamada Geografia Crítica, que pode ser entendida como o campo do conhecimento que se preocupa com os problemas sociais, e aplica seus estudos da problemática geográfica a partir do Método Dialético e das categorias Marxistas (GONÇALVES, 2006).

Na década de 1970 surgem debates a respeito do ensino escolar de Geografia, pois muitos professores recém-formados discutiam amplamente a ciência geográfica na academia e quando chegavam à sala de aula, se deparavam com uma Geografia majoritariamente tradicional. A Geografia Crítica Escolar sugere que o livro didático não seja adotado como fonte única e/ou como verdade absoluta. O professor deve considerar o contexto social no qual se insere o aluno e partir deste contexto para abordar os conteúdos geográficos (SOUZA, 2010; GONÇALVES, 2006).

[..]na segunda parte do século passado, as mudanças curriculares sofridas pela Geografia afetaram o ensino de cartografia, de maneira que apenas nas últimas décadas ressurgiram preocupações com a linguagem cartográfica e o ensino de mapas” (ALMEIDA, pag. 16, 2011).

Devido ao caráter sintético do artigo, as discussões mais aprofundadas relacionadas as abordagens curriculares e a Ciência Geográfica, encontram-se na dissertação ainda em construção, intitulada: O ensino-aprendizagem de conceitos cartográficos a partir do tema do envelhecimento da população brasileira no espaço urbano.

Entre as abordagens curriculares, há ainda os currículos praticados, aqueles que vão além dos documentos oficiais e permeiam as práticas cotidianas da escola e da vivência dos alunos. Esse artigo justifica-se por apresentarmos propostas de atividades “extra curriculares” concernentes a cartografia e no tocante aos sujeitos idosos.

Freire (1970) afirma que a própria vivência dos alunos torna-se a fonte originária dos temas que ele chama de “significativos” ou “geradores” que permitem a construção do conteúdo programático pertencente ao currículo. Esse conteúdo desse ser feito em conjunto pelos agentes envolvidos no processo e se chegar a um saber partindo-se da “Experiência do feito” (SILVA, 2003; FREIRE, 1970).

Os currículos escolares oferecem poucas possibilidades de conhecer a realidade [...] Entendemos que se o discurso escolar fosse mais articulado e a linguagem cartográfica fosse de fato utilizada em sala de aula, a aprendizagem seria mais significativa e os alunos trariam problemas do cotidiano para resolver em sala de aula, estabelecendo relações entre os conteúdos e a representação cartográfica. Isso seria inovador do ponto de vista metodológico (CASTELLAR, 2017, p.227).

Procuramos destacar a importância do cotidiano afim de não desvincular do lugar de vivência do aluno. Pois é importante partir da análise da realidade para que os mesmos sejam



agentes participantes da vida democrática, que saibam fazer escolhas e compreendam o lugar em que vivem. Quando o aluno apenas memoriza, ou não vê objetivos no que aprende, acaba esquecendo os conteúdos após aplicá-los em uma avaliação (CASTELLAR; VILHENA, 2010).

Os currículos praticados na escola, muitas vezes extrapolam a sala de aula, privilegiando a organização de experiências, permitindo aos alunos vislumbrar o caráter socialmente construído de seus conhecimentos e experiências (GONÇALVES, 2006), além de que, a atenção ao ensino de conceitos referentes a cidadania em âmbito escolar pode ocorrer por meio da articulação de projetos de educação com objetivos de voltar-se para as capacidades que compreende os estudantes e que permitem intervir na realidade para transformá-la. A comunidade escolar possui um fator determinante quanto à disseminação de atitude e valores (BRASIL, 1998).

No tocante a nossa investigação, pretendemos buscar o conhecimento por meio da junção de diferentes gerações na aprendizagem da cartografia, bem como utilizar do lugar de vivência dos educandos para englobar questões referentes aos idosos e a cidadania, pois, a Geografia com o apoio da Cartografia Colaborativa pode instigar os alunos a rever conceitos relacionados à terceira idade, a importância do respeito e da empatia pelo outro, pensar ações que garantam a boa qualidade de vida da população idosa, além de ser possível desenvolver raciocínios espaciais e estruturar procedimentos de leitura e escrita da linguagem cartográfica (FURLAN, 2013).

Desta forma, este artigo tem por finalidade apresentar as experiências pedagógicas praticadas com os alunos do 6º ano, que visam pensar sobre abordagens educativas para além da sala de aula, que superem um ensino pautado somente no tradicional e mnemônico. Portanto, nosso objetivo é investigar e propor atividades dinâmicas para o ensino-aprendizagem de conceitos cartográficos a partir da integração dos estudantes com os idosos, com o intuito de que essas atividades auxiliem de uma maneira dinâmica na compreensão efetiva da linguagem cartográfica e ainda permita introduzir a discussão a respeito da cidadania nas aulas de Geografia.

Fundamentação teórica - metodológica

A fundamentação teórico-metodológica tem como base a pesquisa qualitativa, na qual enfatiza aspectos que são particulares ao universo de pesquisa e análise das investigações, revelando especificidades, uma vez que os sujeitos envolvidos desenvolvem um processo de

construção na pesquisa e desempenham um importante papel nas situações a serem vivenciadas. Nessa abordagem a descrição dos dados prevalece e a preocupação com o processo se faz maior do que com o resultado final. (BOGO, 2012; LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

A partir da pesquisa qualitativa, utilizamos o procedimento da pesquisa ação, que constitui-se como um de seus principais objetivos compreender e formular diretrizes de ação transformadora, com o intuito de responder a problemas urgentes, como exemplo a educação (THIOLENT, 2003). Nesse tipo de abordagem as ações são baseadas na ação-reflexão-ação, o que permite ampliar os horizontes de mediação pedagógica, reconhecendo a partir da interação, que os sujeitos envolvidos na ação aprendem juntos e trocam experiências e aprendizagens (BOGO, 2012).

Para a realização das atividades foi utilizado o desenho como ferramenta inicial, pois o desenho é uma linguagem passível de ser explorada pela Geografia, pois assim como encontrados nos mapas, também utiliza de símbolos pictóricos e não pictóricos na representação do espaço, auxiliando as pessoas a desenvolverem um raciocínio sobre o que está sendo representado (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2012). Os mapas desenhados pelos educandos mostram como eles concebem as referências dos lugares onde vivem, revelam valores e representações simbólicas, reforçando a importância do processo de Alfabetização Geográfica por meio da Linguagem Cartográfica (CASTELLAR, 2011).

A educação afim de uma compreensão das noções cartográficas, julga necessário utilizar dos desenhos como ponto de partida para a exploração dos conhecimentos prévios pertencentes aos alunos. Esses desenhos são importantes pois permitem explorar a realidade e conhecer os fenômenos ali representados para então se chegar as noções cartográficas (CASTELLAR; VILHENA, 2010).

A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Estadual em São João del-Rei – MG, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, cuja classe foi selecionada junto com a coordenação e o professora da escola. Os dados foram coletados sob a orientação da professora responsável pela turma. Semanalmente a proponente dessa pesquisa acompanhava a aula de Geografia e preparava as práticas pedagógicas para a coleta de dados.

Os procedimentos consistiram primeiramente em um diálogo sobre o tema: Idosos e envelhecimento populacional, e uma investigação a respeito dos conhecimentos prévios dos alunos quanto a cartografia, a seguir ocorreu uma aula expositiva sobre conceitos cartográficos



e abordagens teóricas; a divisão dos alunos em grupos; escolha de uma rua na qual residia algum aluno de cada grupo; representação por meio de desenhos e croquis das ruas selecionadas; entrevista aos idosos, tendo os anciãos, os alunos como seus entrevistadores; desenhos elaborados por idosos que morassem a mais tempo nas ruas indicadas; atividades com imagens de satélite, como localização da rua de acordo com a rosa dos ventos, localizar a casa do aluno, a casa do idoso e calcular a distância entre ambas as casas no real e na imagem, por meio da convenção de um número que representaria a escala (proposto e escolhido pela professora); espacialização nos mapas a partir da delimitação das ruas e quadras.

Inicialmente foi proposto que os alunos dividissem-se em grupo e escolhessem a rua de um dos integrantes de cada grupo para servir de base para as atividades. Para a discussão da primeira atividade mostraremos a rua de dois grupos. Entretanto, devido a brevidade do artigo, para as demais atividades escolhemos apenas o grupo da rua Manoel Fortes, no bairro Bom Pastor em São João del-Rei (MG), para mostrar os resultados. A partir do nome fictício “Ana” que corresponde a aluna moradora da rua selecionada, para descrever as atividades daquele grupo.

Após a escolha, os educandos desenharam em um papel A4, de maneira livre a rua do colega selecionado. Não houve por parte da pesquisadora ou professora o pedido do desenho ser de vista aérea ou tridimensional, ou qualquer sistema de perspectiva, pois embora o adulto não transfira para a criança sua maneira de pensar, sua alocação verbal pode interferir em sua atividade (FONTANA, 1996). Portanto ao deixá-los “livres” uma análise futura de seus pontos de vista pode ser feita. Após essa atividade houve o diálogo com os alunos para entender o porquê daquele tipo de desenho, o que os motivou a desenhar daquela maneira e tentar compreender como os mesmos representam o real no papel, além de investigar se partir do cotidiano auxiliou na abordagem da cartografia.

Na entrevista dos alunos com os idosos, os educandos deveriam pedir a pessoa que morasse há mais tempo na rua requerida, que desenhasse como ela era na época em que o entrevistado era criança ou quando se mudou para lá; investigar com o idoso quais as transformações ocorrerem ao longo do tempo na rua e no cotidiano da cidade, além de levantar questionamentos que levariam a discussões futuras na sala de aula, com temáticas como: se na época referente ao desenho existiam muitos idosos ou se hoje tem mais e a opinião dos

entrevistados do porquê, se eles acreditam que a cidade possua uma infraestrutura necessária para atender o público idoso, se possui atendimentos em postos de saúde, entre outros.

Depois, com base na imagem de satélite foi apresentado aos alunos dois mapas em branco da rua e das quadras ao entorno. Eles deveriam colocar em um mapa os elementos a partir do desenho que eles fizeram, com os componentes físicos e naturais atuais e no outro colocar como era antigamente a partir da descrição dos idosos, além de fazer a legenda de cada mapa. Esses mapas em conjunto com as imagens de satélite permitiram discutir com os alunos a posição que cada rua representava, a representação oblíqua, vertical e horizontal, relação espaço-tempo, escala, conceitos básicos dos mapas como título, legenda, orientação e escala, entre outros.

Após a entrevista houve um diálogo dirigido com os alunos para investigar como eles compreenderam a fala dos anciãos, o que contribuiu para sua formação enquanto cidadãos, o que eles sugeririam em relação as queixas dos idosos quanto a infraestrutura e outras questões, e se a partir da comparação dos desenhos eles compreendem a dinâmica espaço-tempo, que reflete na paisagem e por conseguinte na cartografia de cada local.

A seguir apresentam-se os resultados das atividades envolvendo os mapas e desenhos.

Resultados

A figura 1 abaixo, elenca de maneira clara como os alunos generalizaram a forma retangular de representação no croqui. É possível perceber ainda que os educandos colocaram a legenda no canto superior do desenho e em baixo de cada imóvel pertencente a rua representada. Quando questionados, os discentes explicaram que queriam deixar claro qual imóvel correspondia ao que estava na legenda. Após as argumentações houve novamente um diálogo com a turma a respeito de alguns conceitos cartográficos, como o de legenda e que somente a variável visual cor é o suficiente para a leitura do mapa em consonância com a legenda.



Figura 1: Desenho da rua da aluna Ana
 Fonte: Acervo das autoras

A figura 2 em relação a figura 1 compreende a um realismo visual maior por parte do outro grupo em relação ao grupo da aluna “Ana”, o grupo foi representado pelo nome fictício da aluna “Lara”, com traços de realismo intelectual, como a maneira rebatida dos edifício da rua. Para resolver esse problema, algumas crianças fazem uma justaposição da casa de frente e de lado (ALMEIDA, 2011). No caso da rua da aluna Lara, a justaposição ocorreu de maneira frontal e aérea.

Quando o grupo foi questionado se pretendiam desenhar a rua como se fosse vista de cima, a resposta foi positiva. Entretanto, quando rebatidos a respeito da imagem de satélite apresentada, em que a vista aérea não compreendia portas e janelas, a resposta da aluna Lara foi: “Eu falei com meu grupo que era importante colocar os detalhes das casas porque eu sempre vejo eles, porque eu queria fazer um desenho moderno. Não foi exatamente igual dessa imagem (a de satélite), eu quis olhar primeiro do lado de cá e depois do lado de lá (os dois lados da rua) para ficar bem de verdade o mapa”

A justificativa da aluna em querer representar primeiro um lado e depois o outro, está em acordo com as considerações de Almeida (2011), quando a autora afirma que a justaposição

cria “um desdobramento ou rebatimento dos elementos no plano frontal, o que é uma das principais características espaciais do desenho de crianças” (ALMEIDA, 2011, p. 22).

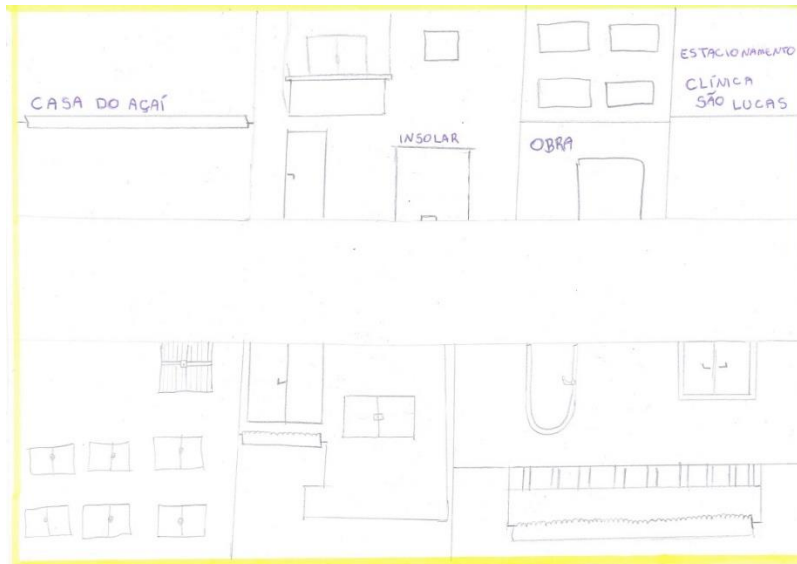


Figura 2: Desenho da rua da aluna Lara
 Fonte: Acervo das autoras

A seguir, os educandos entrevistaram os avós ou a pessoa idosa que morasse a mais tempo na mesma rua. O idoso deveria desenhar como era aquela rua antigamente, e por meio da entrevista contar um pouco de sua história, o que mudou, como mudou. A figura 3 representa como a idosa descreve a rua Manoel Fortes antigamente (pertencente ao grupo da aluna Ana).



Figura 3: Desenho do Idoso que mora na mesma rua da aluna Ana
 Fonte: Acervo das autoras

Seguidamente a esta atividade os alunos receberam a imagem de satélite, representando a rua selecionada. A imagem abaixo (figura 4) auxiliou os educandos a identificar a rua selecionada dentro do bairro correspondente. No desafio de utilizar da imagem de satélite, os educandos com seus respectivos grupos calcularam a distância no mapa da casa do aluno até a casa do idoso, e a distância no real a partir da escala proposta pela professora, discutiram entre si qual a posição da rua de acordo com a localização do norte presente nas imagens, refletiram sobre as diferenças entre uma imagem de satélite e um croqui e sanaram dúvidas referentes a cartografia com a pesquisadora e a professora.

A atividade indicou que os alunos possuem dificuldades quando trabalhado a questão matemática da escala mas compreenderam a partir dos croquis a relação do real e da representação sem dificuldade, ou seja, compreenderam o conceito teórico de significado e significante. Em relação a orientação, também não apresentaram dificuldade, e nos indicaram que a rua Manoel Fortes orienta-se na direção Noroeste – Sudeste.



Figura 4: Imagem de satélite da Rua Manoel Fortes
Fonte: Google earth

As figuras 5 e 6 representam dois dos mapas elaborados pelo grupo da aluna Ana. Os educando representaram na figura 5 como o idoso descreveu a rua Manoel Fortes antigamente e na figura 6 colocaram como a rua selecionada é hoje em dia.

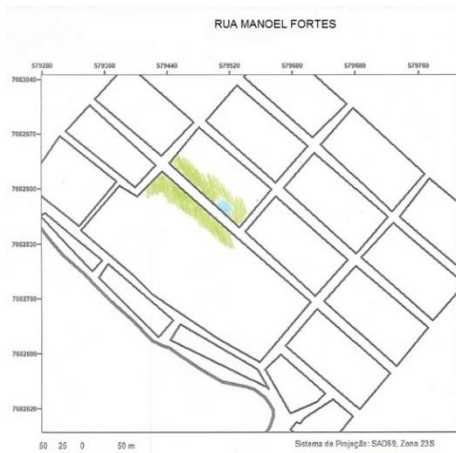


Figura 5: Rua Manoel Fortes antigamente
Fonte: acervo das autoras

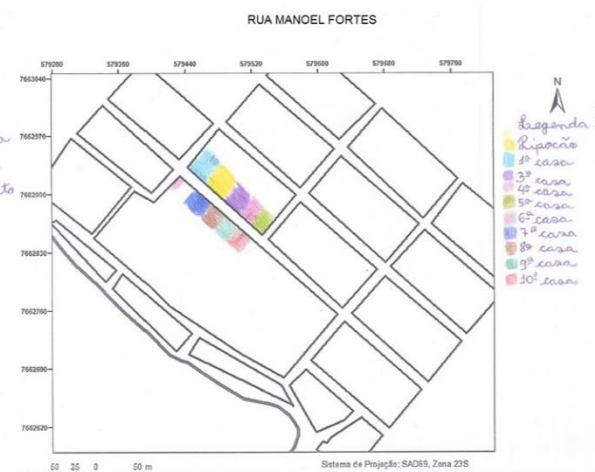


Figura 6: Rua Manoel Fortes atualmente
Fonte: acervo das autoras

A delimitação auxiliou os educandos a identificar a referida rua da atividade. Após a identificação eles utilizaram da variável visual cor. Nas variáveis de separação, são utilizadas normalmente cor e forma. Essas variáveis permitem a apreensão da diversidade visual (FONSECA; OLIVA, 2013). É possível notar que o grupo não mais escreveu o nome de cada elemento dentro do mapa, apenas fez a relação correta das cores na legenda. O que indica que o diálogo posterior a atividade dos croquis foi satisfatória.

Quando perguntados o porquê da figura 5 conter apenas dois elementos, os discentes argumentaram que era o que havia na rua antigamente. E quando questionados o porquê de terem colorido apenas aquela quadra, os educandos responderam que era somente naquela rua que morava a aluna, demonstrando que não compreendiam que a rua estende-se para além de um único quarteirão.

A representação dos dados em mapas possibilitou ao professor mediar conceitos da Cartográfica Temática a partir de experiências vividas pelos educando. O diálogo com os alunos após a entrevista resultou em discussão a respeito do envelhecimento populacional, e das dificuldades enfrentadas pelos idosos. Os alunos ressaltaram a falta de paciência da população jovem para com a população idosa, deram sugestões sobre o que poderia ser feito para auxiliar na acessibilidade, locomoção e qualidade de vida desse grupo e ainda demonstraram



compreensão na relação da dinâmica populacional com o tempo, elencaram alguns fatores que os idosos lhe disseram na entrevista sobre as pessoas estarem vivendo mais, entre outros.

As atividades de ação-reflexão-ação indicaram que os alunos participam mais ativamente do processo de ensino-aprendizado quando se tornam agentes da investigação e trazem seus apontamentos e descobertas para a sala de aula, e partir do cotidiano do aluno e inserir outros sujeitos resultou no auxílio a abordagem da cartográfica e da cidadania.

Considerações finais

A experiência relatada neste artigo vem ao encontro dos objetivos propostos na pesquisa, pois os procedimentos metodológicos permitiram abordar a temática da cartografia a partir de discussões e práticas com os sujeitos idosos. Ocasionalmente uma fuga ao caráter tradicional de currículo que desestimula o pensamento crítico e cidadão dos educandos.

A partir da ação-reflexão-ação, foi possível dialogar com os educandos, permitir que os mesmos expusessem seus pontos de vista e contassem com os pontos de vista dos sujeitos idosos para a realização das atividades. Assim, é possível justificar o ensino da cartografia como uma contribuição na vida cotidiana e possibilitar a leitura do mundo, além de desenvolver o raciocínio geográfico necessários a vida prática.

Espera-se, em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que pode ser local ou global (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p.6).

O envelhecimento populacional é um fato real e cada vez mais a escola e a sociedade devem se preparar para discutir, acolher e repensar a cidade, com estudos a partir da perspectiva desse novo quadro urbano e populacional.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosangel Doin de. Cartografia, cultura e produção de conhecimento escolar. In: Cartografia Escolar. Programa Salto para o Futuro/ TV ESCOLA (MEC) Ano XXI Boletim 13 - Outubro 2011.

ALMEIDA, Alberto Alexandre Lima de; VIEIRA, Maria da Conceição Lima. **As Concepções de Currículo e suas Implicações no Discurso Geográfico**. Geografia (Londrina) v. 27. n. 2. pp. 247 – 263, agosto/2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. pág.156. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOGO, Jordana. **A Aproximação da Pesquisa-ação no Ensino da Geografia Escolar**. IX ANPED Sul, seminário de pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, 2012.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Cartografia Escolar e o Pensamento Espacial Fortalecendo o Conhecimento Geográfico. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun., 2017.

CASTELLAR, Sonia Vanzella; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

DONATO, Sueli Pereira. **Contribuições da Teoria Pós-crítica na Formação Inicial de Professores: Entre Desafios e Possibilidades**. In: XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), III Seminário de Representações Sociais (SIRSSE). Formação de professores, complexidade e trabalho docente. Curitiba: PUCPress, 2015. p. 39992-40006. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16146_10142.pdf. Acesso em: 14 de Março de 2019.

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime. **Cartografia**. São Paulo: Editora Melhoramentos (como eu ensino), 1ª edição, 2013.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação Fontana. **Mediação Pedagógica na Sala de Aula**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Zenis Bezerra; SARAIVA, Luiz Arthur Pereira; MELO, Josandra Araujo Barreto de. **Epistemologia da Geografia e Currículo: Algumas Reflexões**. In: 12º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2013, João Pessoa. 12º ENPEG - Formação, Pesquisa e Práticas Docentes: reformas curriculares em questão, 2013.



FURLAN, Sueli. **Como fazer bons projetos didáticos para ensinar Geografia**. Revista Nova Escola, abril 2013. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/palavra-de-especialista-bons-projetos-didaticos-ensinar-geografia-sueli-furlan-740212.shtml?page=4>. Acesso em: 03 de abril de 2019.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Os Espaços-Tempos Cotidianos na Geografia Escolar: Do Currículo Oficial e do Currículo Praticado**. Tese de Doutorado. Rio Claro (SP). 2006.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias Pós-críticas, Política e Currículo. Revista ESC: Educação, Sociedade & Culturas, v. 39, p. 7-23, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. Temas básicos de educação e ensino, 2ª reimpressão, 99pág. São Paulo, 1986.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. O Ensino da Geo(carto)grafia: Práticas com o desenho numa proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (organizadoras). 1.ed – Curitiba, Paraná: Editora CRV, 2012.

PACHECO, José Augusto. **Teoria (Pós) Crítica: Passado, Presente e Futuro a partir de uma Análise dos Estudos Curriculares**. Revista e-Curriculum, v.11 n.01 abr.2013, São Paulo.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. 2ª edição, Editora Autêntica, 156p, Belo Horizonte, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Sandra Maria. **A Cartografia na Formação do Professor de Geografia**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC – 2010.